

ARQUIVOLOGIA NA PARAÍBA: memórias de uma ciência social

ARCHIVOLOGY IN PARAÍBA: memories of a social science

Vitor Hugo Teixeira Araújo

vitorhugo-teixeira@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4791736212995379>

Bacharel em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Dra. Eliete Correia dos Santos

professoraeliete@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3267723385743006>

<https://orcid.org/0000-0002-5491-5711>

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru. Professora do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Submetido: 30 mar. 2022

Publicado: 28 ago. 2022

RESUMO

Não apenas dentro dos arquivos, mas, também, no cotidiano das sociedades, é que se fazem presentes os eventos que suscitam a aplicação da Arquivologia enquanto área do conhecimento. Ao identificar esses fenômenos enquanto acontecem, os arquivistas-pesquisadores os refletem, problematizam, discutem e redefinem, favorecendo a construção do conhecimento. Tais processos, assim como a sua compreensão por esses atores específicos, só é possível mediante a sua imersão no ambiente acadêmico onde a Arquivologia se insere. É nesse contexto, em celebração pelos 16 anos da institucionalização dessa ciência na Paraíba, que buscou-se relatar, neste trabalho, memórias individuais que fortalecem o desejo de atuar para a sua expansão mundo afora e estado adentro.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivologia; memória social; memorial acadêmico.

ABSTRACT

It is not only within the archives, but also in the daily life of societies, that the events that give rise to the application of Archivology as an area of knowledge are present. By identifying these phenomena as they happen, archivists-researchers reflect, problematize, discuss and redefine them, favoring the construction of knowledge. Such processes, as well as their understanding by these specific actors, is only possible through their immersion in the academic environment where Archival Science is inserted. It is in this context, in celebration of the 16 years of the institutionalization of this science in Paraíba, that I will seek to report, in this work, individual memories that strengthen the desire to act for its expansion around the world and within the state.

KEYWORDS: Archival science; social memory; academic memorial.

1 INTRODUÇÃO

O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade. Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte (FARGE, 2009, p. 12).

Após alguns anos dedicado à vivência no universo arquivístico, parece-me razoável inferir que é não apenas dentro dos arquivos, mas, também, no cotidiano das sociedades, que ocorrem os eventos que suscitam a aplicação da Arquivologia enquanto área do conhecimento. A atividade de classificação de documentos nas organizações, por exemplo, cujo embasamento mais estrutural advém da Biologia³, é amparada nas relações que os documentos possuem entre si, mediante o seu contexto de produção e uso. Isto é, antes mesmo que haja a intervenção do arquivista para a organização das informações, as próprias características dos documentos e das instituições que os mantêm são o que possibilitam a aplicação de teorias, métodos e técnicas. Assim, esses *fenômenos arquivísticos* ocorrem naturalmente nas relações sociais, em meio à variedade dos intensos processos informacionais que perpassam a atuação humana.

Ao identificar esses fenômenos enquanto acontecem, os arquivistas-pesquisadores os refletem, problematizam, discutem e redefinem, favorecendo a construção do conhecimento. Nesse processo, não apenas a Arquivologia se desenvolve enquanto ciência, mas, sobretudo, são concedidas, à comunidade geral dos usuários da informação, novas estratégias, metodologias e instrumentos que contribuem para o avanço intelectual coletivo.

Tais processos, assim como a sua compreensão por esses atores específicos, só é possível mediante a sua imersão no ambiente acadêmico onde a Arquivologia se insere. É nesse contexto, em celebração pelos 16 anos da institucionalização dessa ciência na Paraíba, que buscarei relatar, neste trabalho, memórias individuais que fortalecem o desejo de atuar para a sua expansão mundo afora e estado adentro⁴.

2 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E O SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS (PROJETO SESA)

A minha relação com a Arquivologia começa ainda na educação básica, em meados de 2014, durante escolha do curso de graduação para concorrer através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). À época, nada se sabia sobre essa ciência. Aliás, vale ressaltar que essa é a realidade de muitos jovens, quando prestam o vestibular. Muitas vezes, é a partir da identificação do curso na lista das opções disponibilizada pelas universidades, que se descobre o instigante universo arquivístico. Comigo, foi assim que aconteceu. Então, após uma pesquisa na rede, a percepção da inserção dessa ciência na área das ciências sociais se constituiu como forte atrativo, justificando a sua escolha. É importante frisar que, antes de qualquer critério de afinidade, essa escolha é sempre condicionada pela nota de corte do ENEM.

Já matriculado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), logo nos primeiros meses da graduação (2015), foi possível perceber a importante função social que possui o arquivista: de contribuir, através da sua atuação, com o exercício

da cidadania pelas pessoas, mediante o acesso à informação. Essa compreensão foi suficiente para me fazer renunciar a cursos que, devido à sua maior visibilidade, haviam sido pretendidos antes (Psicologia ou Jornalismo). Iniciava-se, aí, uma trajetória de importantes desafios e oportunidades.

Por meio da disciplina de Oficina de Textos, conheci o Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA). Coordenado pela Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, esse projeto já possuía, desde 2007, diversas ações consolidadas de ensino, pesquisa e extensão, que, por sua vez, contavam com um número considerável de estudantes, entre bolsistas e voluntários, cuja rotatividade era frequente. Assim, participei dos eventos realizados pelo projeto e, na primeira oportunidade, me tornei voluntário em projetos de extensão e pesquisa sobre Linguagem, Arquivologia e Tecnologia (2015-2019), atuando, depois, como bolsista de monitoria (2016) e de extensão (2017) no âmbito do projeto.

Através dessas oportunidades, a partir do segundo ano do curso, entre apresentações de artigos e banners em diversos eventos dentro e fora da universidade, tive a satisfação de obter premiações todos os anos, até a conclusão do curso. Podem-se destacar: melhor trabalho do eixo (2018), no XXII Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia (Enearq), da Universidade Federal do Pará (UFPA), com o título "As contribuições do recurso Estrela de Davi para o cumprimento das exigências metodológicas da produção acadêmica"; e o Prêmio Jovem Arquivista, de melhor TCC de 2019 (UEPB), com o título "O Guia do Arquivo como estratégia de difusão informacional: A experiência da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA)".

3 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS E MOVIMENTO ESTUDANTIL

Com relação à participação e organização de eventos, há que se notar o quanto a vasta abordagem de temas diversos contribui para a formação acadêmica, para além das aulas nas disciplinas formais. É nesses eventos que aprendemos a lidar com a comunidade científica, onde conhecemos iniciativas frutos de inquietações que estão, muitas vezes, distantes da nossa realidade de estudos. Assim, “todo objeto de estudo pode ser concebido de forma interdisciplinar, com os quais são necessários modelos de abordagem múltipla, para poder descrever adequadamente a sua complexidade.” (CABRÉ, 2009, p. 14, tradução nossa).

Nessa interdisciplinaridade, muitos eventos foram realizados em parceria com o curso de Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com os Centros Acadêmicos (CAs) dos dois cursos, e com a Associação dos Arquivistas da Paraíba (AAPB). Dentre eles, podem-se destacar: Fórum Paraibano de Arquivologia (FPA); Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos (EBAM); Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA); Festival de Artes e Participação Social (Farpas); Congresso Nacional de Arquivologia (CNA); Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia (Enearq). Dentre esses eventos, tive a oportunidade de atuar na organização de edições dos quatro últimos. A edição do Enearq de 2017, em que o nosso Campus recebeu estudantes de várias regiões do país, se constituiu, ao mesmo tempo, como um desafio e como uma incomparável oportunidade, em que se desfrutou da interação com um público e programação amplos.

Nesse momento, a experiência de colaboração enquanto membro do Centro Acadêmico (CA) foi fundamental para a representação estudantil, onde pude atuar na Coordenação de Assuntos Acadêmicos e Institucionais. Historicamente, é através do movimento estudantil que se conquistam os principais benefícios aos estudantes da

rede pública de ensino. Assim, dentre ações pontuais e estruturais defendidas pela nossa gestão, participei, junto com outros colegas, da reformulação do estatuto e do regimento interno do CA, bem como do seu registro em cartório, contribuindo para a sua consolidação na história do curso.

4 ENSINO DE ARQUIVOLOGIA E ESTÁGIO PROFISSIONAL

Acerca do ensino de Arquivologia na UEPB, pode-se dizer que há uma preocupação constante, pela maior parte dos professores, para a abordagem de conteúdos atuais e dinâmicos. Vez por outra, verificam-se críticas entre os discentes, para que sejam ofertadas disciplinas que correspondam às expectativas do mercado e da sociedade. No entanto, de modo geral, prevalece o espírito de cooperação mútua entre as classes estudantil e docente, bem como destas com os técnicos-administrativos.

Em 2017, participei do processo seletivo de estágio para atuar na Cagepa, onde atuei por dois anos. Na seleção, alcancei o segundo lugar, ingressando naquela que seria a mais marcante experiência prática da graduação. O Arquivo Técnico da Cagepa é vinculado à Gerência Executiva de Planejamento e Projetos (GEPP), e está situado na sede administrativa da empresa, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa-PB. Responsável pela custódia, tratamento, preservação e difusão dos projetos de saneamento básico dos municípios paraibanos, esse arquivo, além de servir à administração da companhia, se constitui como um importante núcleo representativo da memória do desenvolvimento desse estado.

Essa experiência foi importante para que eu pudesse vislumbrar a relação que a Arquivologia estabelece com a memória coletiva. Para Oliveira e Rodrigues (2009), a Arquivologia apresenta uma especificidade com relação à concepção de memória, em detrimento de outras áreas do conhecimento que também exploram esse tema: a necessidade de permanência do registro da informação, garantindo a sua autenticidade e fidedignidade, como recurso para (re)construção da memória e como prova. Totalizando um acervo com mais de cinco mil unidades de arquivamento, os documentos mais antigos do Arquivo Técnico são datados da década de 1930, e passaram a ser reunidos a partir de 1969 – ano do seu surgimento. Mais tarde, em 2019, esse importante *lugar de memória* me serviu como campo empírico para a pesquisa do TCC, momento em que pude desenvolver um instrumento de pesquisa para contribuir com a difusão do acervo e com a satisfação dos usuários.

5 ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS E MERCADO DE TRABALHO

Membro associado da Associação dos Arquivistas da Paraíba (AAPB) desde 2016, tive o privilégio de participar da sua diretoria entre 2018 e 2020. Apesar de compor a suplência em uma de suas coordenações, as discussões e ações assumidas pela comunidade naquele período foram essenciais para o desenvolvimento da Arquivologia no estado. O conjunto dessas experiências contribuiu para a constituição da memória social, que, “como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito” (GONDAR, 2005, p. 15).

Em 2021, já formado, tive a oportunidade de atuar em dois cartórios: em Cabedelo-PB, e em Lucena-PB. Nessas ocasiões, o conhecimento arquivístico me

possibilitou contribuir com a gestão da informação desses órgãos cuja razão de ser contribui para o exercício da cidadania e dos quais, em diferentes momentos da via, necessitam todos os cidadãos.

6 AÇÕES RECENTES E EXPECTATIVAS

Entendo que a Arquivologia paraibana vem vivenciando, nos últimos anos, a sua fase de consolidação mais importante. Recentemente, tivemos a criação, pelo governo do estado, do Arquivo Público Estadual da Paraíba (APEPB), com sede provisória no Espaço Cultural José Lins do Rego, em Tambauzinho, João Pessoa-PB.

Além disso, um marco atual importante tem sido a luta, travada já há alguns anos e agora restabelecidas as discussões, para a criação do Conselho Federal de Arquivologia (CFARQ), bem como dos seus conselhos regionais (CRARQs). Encabeçada por representantes de diversas regiões e setores da Arquivologia nacional, essa iniciativa resultou em uma minuta de projeto de lei que passou por consulta pública e que, para ser efetivada, precisará da aprovação da Presidência da República.

Enfim, são poucas as páginas para tantas histórias. Agora, como estudante recém-ingresso no mestrado em Ciência da Informação na UFPB, aberto a tudo o que está por vir, começo um novo ciclo em que pretendo dar continuidade à pesquisa iniciada na graduação. Enquanto isso, o artigo proveniente da monografia do TCC segue para concorrer ao prêmio na VII Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (Reparq), que tem como tema "Arquivos, Democracia e Justiça Social" e acontecerá na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em junho desse ano.

Que a soma dos esforços de todos os que fizeram e fazem a Arquivologia paraibana nos leve a lugares distantes! E que consigamos, cada vez mais, mobilizar a sociedade para o uso sistematizado e consciente da informação! Nesse percurso, em meio à geração de conhecimento, certamente a memória social será cada vez mais consolidada no entorno da nossa atuação.

REFERÊNCIAS

CABRÉ, Maria Teresa. La Teoría Comunicativa de la Terminología, una aproximación lingüística a los términos. **Revue française de linguistique appliquée**, v. 14, n. 2, p. 9-15, 2009.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp. 2009. p. 12-15.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **PontodeAcesso**, v. 3, n. 3, p. 216-239, 2009.